

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO NO PICO (AÇORES)

05 de outubro de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Regional dos Açores
Exmo. Senhor Comandante da Zona Militar dos Açores
Exmo. Senhor Deputado do Parlamento Europeu
Exmos. Senhores Deputados da Assembleia Regional dos Açores
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. Roque
Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Angra do Heroísmo

Minhas Senhoras e Meus Senhores
Caros Combatentes

Venho de longe. Uma vez mais estou no Portugal profundo. Aquele que melhor sabe compreender as dificuldades e os desafios que se colocam à sua terra e aos seus, quando se trata de defender o bem comum. Hoje no Pico, esta natural sentinela atlântica que o fogo ergueu ao céu, dando-lhe um perfil imponente e majestoso, Portugal mais uma vez acontece. Acontece entre gente forte, dominadora da sua própria geografia e que sempre soube encontrar novas alternativas de vida perante as dificuldades e as circunstâncias. Os Picarotos, com a presença e apoio de entidades altamente responsáveis, tocados pelo mesmo sentimento que une a generalidade dos portugueses, decidiram praticar um ato de reconhecimento para com conterrâneos seus, por atos praticados em determinado momento das suas vidas. Atos de grandes sacrifícios e heroicos que a uns tirou as vidas e a outros permitiram que possam ainda hoje ser testemunhas diretas ou indiretas desses factos e possam vir aqui hoje e afirmar:

- Eu vi. Eu estive lá.
- Eu sei. Meu filho ficou lá.
- Eu senti, meu marido foi ferido em combate.
- Eu sei, meu pai contou-me.

Só assim compreendo a presença de tantas e tão ilustres personalidades, civis, militares e religiosas e da população que hoje aqui nos acompanha. Sempre que foi necessário e o poder político entendeu estarem os interesses vitais de Portugal em perigo, alguém teve que estar disponível para de armas na mão defender Portugal. Testemunha-se mais uma vez no país, hoje com o regozijo de toda a população do Pico, uma profunda gratidão. Através de uma simples obra moldada pelo saber, arte e técnica com que os artistas procuram fotografar os sentimentos mais profundos que tocam as gentes, nos momentos difíceis da sua existência como povo, ergue-se

um monumento. Um monumento que se pretende seja um monumento vivo. Que os pais e avós saibam explicar aos filhos e netos e estes transmitir aos seus vindouros para que a história se faça naturalmente, sem esquecimentos, sem omissões e fundamentalmente sem deturpações ou acusações aos que simplesmente cumpriram um dever.

A Liga dos Combatentes que no próximo dia 15 vai comemorar os seus 82 anos é a instituição do País responsável por todos os Monumentos erguidos em honra dos combatentes da primeira Grande Guerra e da Guerra do Ultramar e são já cerca de 200. Recentemente, em Junho passado, tive a honra de participar na inauguração de um significativo monumento em Ponta Delgada e noutras cerimónias semelhantes ao longo do país. Contrariamente ao que alguns afirmam não se trata de revivalismo colonialista. Trata-se de revivalismo patriótico e do mais saudável portuguesismo. Como disse o Senhor Presidente da Republica recentemente “ Povo que não respeita a sua memória não tem futuro”. Hoje, no Pico homenageamos os que se viram em determinado momento das suas vidas, obrigados a deixarem a lava e naturais vinhas das suas terras, os marfins e atuns dos seus mares, a procissão de nossa Senhora da Boa Viagem, Vila Madalena, Lages, São Roque do Pico, enfim, para em regiões longínquas, tropicais e em conflito darem testemunho do seu portuguesismo e do seu patriotismo.

A esta estátua de beleza natural que é o Pico e que as suas gentes apelidam de mais bela e extraordinária ilha dos Açores, junta-se hoje mais um marco que testemunha serem os Picarotos tão grandes como os maiores e deram e darão a vida se necessário for, por Portugal. É por isso que, o Presidente da Liga dos Combatentes tem muita honra em ser testemunha ocular desta homenagem aos melhores homens do Pico e aqui trás o sentimento de todos os combatentes: - o sentimento do dever cumprido e por isso o desejo de que, em permanência, lhes seja garantida a dignidade que merecem.